

## Os discursos da tradução e a tradução do discurso: uma pesquisa introspectiva\*

Cristina Cardoso\*\*

### Resumo

*O objetivo deste artigo é estabelecer uma relação entre os conceitos pré-estabelecidos sobre tradução, ou seja, os discursos sobre tradução, e como tais conceitos influenciariam as decisões tomadas por tradutores de diferentes níveis, ao traduzirem um texto informativo do espanhol ao português, ao que chamaríamos de tradução do discurso. Explicitamos aspectos concernentes à evolução do conceito de tradução ao longo do século XX, passando pelas correntes da Linguística, Semiótica e Literatura Comparada, chegando à Escola de Tel Aviv e aos recentes estudos sobre Tradução Automática. Descrevemos e analisamos ainda os procedimentos e as estratégias de tradução adotadas pelos sujeitos que constituem o corpus de informantes desta pesquisa (professores, tradutores, alunos de pós-graduação em cursos de tradução, entre outros) ao se defrontarem com o texto a ser traduzido. As bases teóricas sobre as quais fundamentamos a pesquisa concernem às perspectivas adotadas por Vinay y Darbelnet (1958), Mounin (1963), Nida (1966), Seleskovitch e Lederer (1986), Faerch e Kasper (1987), Barbosa (1990), entre outros.*

### Palavras-chave:

*Tradução; discurso; método introspectivo; procedimentos tradutórios.*

### Abstract

*The aim of this article is to establish a relationship between pre-established concepts of translation, ie the discourse about translation, and how such concepts would influence the decisions taken by translators of different levels, an informative text by translating from Spanish into Portuguese, to we would call a translation of the speech. We explain aspects concerning the evolution of the concept of translation throughout the twentieth century, from the chains of Linguistics, Semiotics and Comparative Literature, arriving at the School of Tel Aviv and recent studies on Machine Translation. We describe and analyze further the procedures and translation strategies adopted by the subjects that constitute the corpus of this research informants (teachers, translators, students graduate courses in translation, among others) when confronted with the text to be translated. The theoretical fundament on which the research concern the perspectives adopted by Vinay y Darbelnet (1958), Mounin (1963), Nida (1966), Seleskovitch and Lederer (1986), Faerch and Kasper (1987), Barbosa (1990).*

### Keywords

*Translation; speech; introspective method; procedures translational.*

\* Artigo recebido em 26/06/2011 e aprovado em 07/12/2011.

\*\* Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora na área de Tradutologia e Professora Assistente I de Língua Espanhola da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - Ilhéus - Bahia).

## **Introdução**

Todo tradutor consciente, seja ele experiente ou em processo de formação, sempre se pergunta, em algum momento: será possível que minhas decisões pessoais, enquanto tradutor ciente da função social que exerço como elemento de ligação entre duas culturas, são capazes de influenciar positiva ou negativamente na capacidade de compreensão textual de indivíduos proficientes no processo de leitura? Será que minhas escolhas lingüísticas, as omissões e explicitações que decido fazer, meus recortes literais ou meus rompantes de criatividade, meu zelo pela forma ou meu desvelo pelo conteúdo, minhas buscas internas ou externas no decurso da tradução de um texto em língua estrangeira podem chegar a ser responsáveis por bloqueios, dificuldades, pausas, estranhamentos, ou até mesmo pela incompreensão absoluta do produto, neste caso, o texto? Mais ainda, será que minhas idéias e leituras sobre a atividade tradutória podem influenciar de alguma forma minha própria capacidade de tradução? Trata-se de questionamentos cujas “respostas” frutificarão no transcurso deste artigo.

Neste trabalho tentaremos estabelecer uma relação entre os conceitos pré-estabelecidos sobre tradução, ou seja, os discursos sobre tradução, e como tais conceitos influenciariam as decisões tomadas por tradutores de diferentes níveis, ao traduzirem um texto informativo do espanhol ao português, ao que chamaríamos de tradução do discurso. O arcabouço teórico da Análise do Discurso interessa particularmente aos Estudos da Tradução porque traz para a reflexão sobre o funcionamento da linguagem as questões das relações sociais, bem como as de poder sob o viés discursivo. Objetivamos, assim, apresentar algumas convergências entre estas duas áreas, buscando explicitar a complexidade do ato tradutório a partir da ótica discursiva.

As bases teóricas sobre as quais fundamentamos a pesquisa exposta através deste artigo concernem às perspectivas adotadas por Vinay y Darbelnet (1958), Mounin (1963), Nida (1966), Seleskovitch e Lederer (1986), Faerch e Kasper (1987) e Barbosa (1990), a respeito de teorias da tradução, procedimentos e estratégias tradutórias e métodos introspectivos de acesso a dados mentais.

O conceito fulcral com o qual iremos nos defrontar nestas páginas, o de tradução, poderá ser compreendido sob diversos ângulos. Vejamos algumas das definições clássicas.

## Conceitos de Tradução ao longo do século XX

Em geral, os grandes tradutores preferem não falar muito a respeito de teoria da tradução. Consideram-se intuitivos e artesãos. Entretanto, desde o início da tradição ocidental, a atividade tradutória é acompanhada de um discurso-sobre-a-tradução que, de certa forma, é controverso: ora analítico e descritivo, ora prescritivo, ora poético, ora especulativo ou polêmico, raramente sendo "teórico", no sentido moderno da palavra. De fato, o primeiro texto "teórico" sobre tradução é provavelmente o de Schleiermacher, *Sobre os diferentes métodos de tradução* (1821). O discurso tradicional é marcado por uma discórdia, a dos partidários da "palavra" e a dos partidários do "sentido", sendo esses últimos sempre maioria. Essa discordância, como veremos adiante, tem por fundamento a dupla potencialidade do ato de traduzir, e não "preferências" sociais ou subjetivas que poderiam ter a esse respeito.

Diante deste discurso tradicional, o século 20 viu se constituir uma multiplicidade de novos discursos sobre a tradução, que são ora discursos objetivos, ora discursos da experiência. O foco desta investigação é o primeiro tipo, são essencialmente os discursos da lingüística, da semiótica e da literatura comparada.

As análises que a lingüística consagrou à tradução são relativamente poucas. As mais notáveis são as de Jakobson, de Catford e de Nida. Na teoria, a lingüística afirma que a tradução é para ela um tema essencial, uma operação na qual ela deve mostrar sua possibilidade ou, eventualmente, sua impossibilidade. Trata-se, *a priori*, de um fenômeno de interação entre duas línguas que ela define formalizando o conceito corrente sobre tradução. Assim chegamos a fórmulas, como em Jakobson, a "busca da equivalência na diferença". A lingüística define o traduzir de forma tão vasta e abstrata que omite quase por completo sua dimensão escrita e textual, para não falar de suas dimensões culturais, históricas, etc.

A semiótica, por sua vez, considera a tradução como uma forma de hipertexto ou de metatexto. Se a lingüística negligencia a dimensão textual da tradução, a semiótica negligencia sua dimensão de linguagem. Os primeiros estudos nesta área tratam das estruturas de traduzibilidade e de tradutividade das obras literárias, sem considerar a questão da estrutura textual das próprias traduções.

Finalmente, a literatura comparada, ao estudar as interações dos sistemas literários, não poderia negligenciar a tradução. Com um grande atraso, produz

atualmente análises do lugar das mesmas no *corpus* literário. Para a literatura comparada, a tradução constitui um dos modos de interação de textos, o que transcende teoricamente o seu caráter "literário" de estudo.

Um outro *corpus* teórico sobre a tradução vem sendo desenvolvido há alguns anos: o representado pelo que chamamos de Escola de Tel Aviv (Even-Zohar, Gidéon Toury). Às teorias clássicas, dogmáticas e prescritivas, a Escola de Tel Aviv opõe uma teoria da "literatura traduzida" e do lugar desta nos "polissistemas" literários. Even Zohar e Toury recusam-se a partir de um conceito apriorístico do traduzir: dedicam-se a estudar aquilo que em dado sistema literário (e cultural) é tido como "tradução". Assim, querem evitar a armadilha da normatização e constituir uma ciência do traduzido, fazendo ela mesma parte de uma ciência de todas as transferências interculturais.

Um último discurso, enfim, que ainda é ignorado como tal, se apresenta hoje no horizonte. Ele é tecnológico e constitui-se atualmente no cruzamento da teoria da informação, da teoria da inteligência artificial, da terminologia, da lingüística e da informática. É o da tradução automática e das questões que a circundam. Para esse discurso, a totalidade dos processos tidos em vista pela ciência e a técnica constitui um vasto sistema de comutações. Trata-se da teoria computacional dos processos tradutivos que governam a área tecnológica. As pesquisas que tratam da tradução assistida pelo computador e da análise informático-lingüística das línguas naturais se atêm a este novo campo. Estamos próximos do dia em que ela tomará da semiótica o estruturalismo e o funcionalismo. Atualmente, a informática já está mudando os rumos de toda a prática da tradução em um grau ainda imensurável.

Traduzir pode definir-se de uma maneira geral como o processo através do qual se efetua a passagem de um texto de uma língua para a outra. Esta primeira língua pode ser chamada língua-fonte, língua de partida ou língua original. A segunda recebe as denominações de língua-alvo, língua de chegada ou língua de tradução.

Para Derrida (1987), a tradução é uma escritura, não é simplesmente uma tradução no sentido de transcrição, é uma escritura produtiva predestinada pelo texto original. O tradutor é devedor para com o texto original, à medida que aceita a tarefa de traduzi-lo e dela necessita se desvencilhar; por outro lado, o autor do texto original assume, também, uma dívida para com o tradutor, de quem depende para sua própria sobrevivência (Derrida, 1987. p.175), o que faz com que traduzir seja a um só tempo uma tarefa possível e impossível. Que dilema!

Venuti (1995) afirma também que o processo transformacional da tradução pode ser definido como uma prática social que envolve necessariamente certas determinações discursivas e ideológicas:

Deve ficar claro que, se estou combatendo a invisibilidade do tradutor com a idéia de que a tradução é uma prática social que envolve um trabalho de transformação extremamente complicado, não chego a elevar o tradutor ao status de outro autor que seja a origem fixa e transcendental da tradução e que desta forma concorra com o autor estrangeiro ou o supere. Minha análise, ao contrário, propõe que a atividade do tradutor, assim como a do autor estrangeiro, é moldada por determinações sociais das quais eles podem ou não estar cientes, materiais lingüísticos, literários e históricos que constituem seus textos e podem muito bem provocar significações além de suas intenções. (VENUTI, 1995. p. 123)

O vocábulo central deste artigo, o termo Tradução, originalmente advém do latim *traductionis*, que significa ato de transformar, passagem de um lado a outro. Neste sentido, a tradução pode ser algo livre, não porque não tenha parâmetros ou tenha os parâmetros que cada tradutor escolhe, mas porque o tradutor sempre tem diante de si uma opção dentre várias possibilidades existentes. É óbvio que toda tradução representa uma dentre várias possíveis opções de transposição de um texto da língua onde ele se formou para uma outra língua onde ele surge dependente e originário de *n* fatores - a começar pela indispensável consideração da identidade cultural dos prováveis consumidores desse texto de chegada. Assim, acreditamos que o tripé no qual se deve basear toda tradução é o seguinte: conteúdo lingüístico do texto de partida; sua ideologia; aliados à sua pretensa destinação virtual. Ser fiel a este tripé de fato envolve ser competente!

### **Relações entre tradução e pesquisa introspectiva**

Traduzir envolve ser competente, primeiramente em uma língua estrangeira. Mas o que significa ser “competente” numa língua estrangeira? Segundo Sophie Moirand (1990) significa possuir uma competência dupla: lingüística (das regras gramaticais do sistema da língua estrangeira); e discursiva (das regras de emprego, compreensão e da capacidade de utilizá-las de maneira a fazer-se compreender, implicando, logicamente, comunicar-se). Além disso, todos nós sabemos que não é suficiente conhecer bem uma língua estrangeira para compreender qualquer texto nesta mesma língua. Sempre estão

presentes na compreensão de um enunciado lingüístico fatores e conhecimentos extralingüísticos.

Assim, se é verdade que o texto constitui o ponto inquestionável de partida de uma tradução, os tradutores não devem, porém, prender-se às palavras, à letra da palavra, à palavra no seu plano físico, de *significantes*, senão corre-se o risco de perder-se do plano do pensamento. A ausência de uma visão mais globalizante do texto em língua estrangeira pode conduzir os neófitos de plantão à mal-fadada tradução *ipsis litteris*.

No entanto, como funcionam esses processos psicológicos que levam o tradutor a fazer determinadas escolhas no momento em que se defronta com a tradução de um texto, como se pode ter acesso a eles, e mais, como é possível saber o que se passa na mente de um indivíduo quando está traduzindo um texto?

O mapeamento dos processos cognitivos subjacentes às atividades tradutórias e de leitura tem sido objeto de crescente interesse nos estudos do campo da Tradução e da Análise do Discurso. Utilizando a técnica de protocolo verbal, os primeiros estudos na área buscaram investigar as características processuais envolvidas durante a execução de tarefas de tradução. O que representa esta técnica? O Protocolo Verbal ou “pensar alto” (*think aloud*) é uma técnica introspectiva de coleta de dados que consiste na verbalização dos pensamentos dos sujeitos. Na medida em que realiza uma tarefa, ele verbaliza, ou seja, fala sobre como consegue resolver os problemas relacionados às questões vivenciadas no momento do processo.

Para traduzir um texto, intuitivamente, o tradutor utiliza estratégias e procedimentos. Algumas vezes, lança mão de dicionários bilíngües e monolíngües, auxílio de nativos, programas de computador, glossários virtuais de termos específicos, avança na leitura do texto para tentar compreender determinado fragmento, retrocede outras vezes, enfim, faz uso de estratégias e procedimentos, visando uma melhor explicitação de seu texto na língua de chegada a um provável leitor virtual.

Lörscher (1991) subordina a noção de estratégia à de resolução de problemas de tradução. Considero que, após a observação dos mecanismos de tradução adotados pelos sujeitos selecionados na pesquisa que gerou o presente artigo, foi possível concluir que, em geral, utilizam-se estratégias a partir do momento em que se toma consciência de um determinado problema \_ ou tenta-se solucioná-lo ou abandona-se momentaneamente a tarefa, diante da impossibilidade aparente de resolução imediata.

A visão de Vinay e Darbelnet (1958) a respeito do processo de tradução norteia parte do desenvolvimento desta pesquisa. Para os mesmos, a tradução seria o mecanismo de aplicabilidade prática da Estilística Comparada. Seu objetivo é analisar as razões que conduzem o tradutor a optar por determinadas escolhas, em detrimento de outras, visto que observaram que não existiria uma única tradução possível para um mesmo texto, mas uma série de escolhas diante das quais o tradutor hesita antes de propor sua solução.

Eles foram os primeiros teóricos a investigar a noção de procedimento tradutório como uma estratégia consolidada para a resolução de problemas. Ao observarem os mecanismos utilizados por distintos sujeitos para solucionar suas dificuldades durante o processo tradutório de textos do inglês ao francês, concluíram que, em geral, estes, que aparecem sob múltiplas formas em um primeiro momento da análise, levariam basicamente o tradutor a dois caminhos: o da tradução direta ou literal, quando percebesse um paralelismo estrutural e sociocultural entre o segmento na língua de partida e aquele na língua de chegada; e o da tradução dita oblíqua, quando o primeiro mecanismo é reconhecidamente inaceitável no sistema lingüístico da língua de chegada.

Em uma tradução literal, a passagem da LP para a LC é feita sem muita elaboração ou mudança de forma. Os mecanismos de tradução oblíqua, por sua vez, envolvem mudanças formais das estruturas lingüísticas e atêm-se mais ao conteúdo e estilo do texto original.

Alguns especialistas em Tradutologia como Nida, Catford, Vásquez-Ayora, Newmark e Barbosa analisaram a questão e propuseram mecanismos adicionais de resolução de problemas tradutórios. Entre estes se encontram: a explicitação, a omissão, a compensação, a definição, a reconstrução de períodos, as reorganizações e melhorias etc \_ todos procedimentos comprovadamente utilizados pela maioria dos sujeitos pesquisados pelos autores supracitados e pelos sujeitos desta pesquisa em especial.

Na obra *Les problèmes théoriques de la traduction*, Mounin (1963) advoga a respeito da interseção existente entre a tradução e outras ciências como a Lingüística, a Lógica, a Psicologia, ainda que nenhuma destas considere as atividades tradutórias como um objeto específico de investigação.

Consagrando dois capítulos inteiros à questão da possibilidade e da necessidade de se traduzir, Mounin (1963) afirma que nem a semântica, nem a morfologia, nem a fonética, nem a estilística de cada língua seriam obstáculos a um tradutor munido de

conhecimento lingüístico, cultura geral, intuição e bom gosto. O texto de Mounin se insere, portanto, neste artigo, por ser um dos fundadores dos estudos sobre tradução, de corrente francesa.

Fundamentado num modelo gerativo-transformacional, o processo tradutório foi definido por Nida, na obra *On Translation* (1966), como a produção, na língua de chegada, de um equivalente natural mais próximo da mensagem na língua de origem, primeiramente quanto ao sentido e, posteriormente, sempre que possível, quanto ao estilo do autor do texto original. Este tipo de definição reconhece a ausência de uma correspondência total entre termos de línguas diferentes, mas assinala a importância da busca, por parte do tradutor, da equivalência natural mais próxima (“natural” remetendo aqui à não estranheza do produto final, por parte do leitor). Portanto, neste caso, toda tradução envolveria perda, acréscimo e distorção de informações do texto original.

Para Nida (1966), traduzir é muito mais que comparar estruturas correspondentes entre duas línguas, como acreditavam Vinay y Darbelnet (1958). O tradutor deveria preocupar-se mais com as “unidades de significação” que com as “unidades estruturais”.

Seleskovitch e Lederer, na obra *Interpréter pour traduire* (1986), por sua vez, propõem uma aproximação entre as categorias profissionais de tradutores e intérpretes. Para estas, o objetivo dos tradutores e intérpretes seria basicamente o mesmo: comunicar o pensamento de outros, articulando naturalmente na sua língua o sentido desejado pelo produtor/autor do discurso original.

Segundo as autoras, uma opção para se evitar possíveis equívocos durante a tradução de um texto (equívocos estes geralmente acarretados pela insuficiência de conhecimento lingüístico e/ou pragmático) seria adotar o método interpretativo, ao invés do comparativo, isto é, tornar-se uma espécie de intérprete do texto original. Assim, o tradutor agiria em duas etapas: como leitor compreendendo o que lê; e como autor, transmitindo de maneira compreensível, nos códigos vigentes de sua língua, aquilo que leu. Além de compreender o autor que pretende verter, o tradutor necessitaria fazer-se compreender por outros. Para tal, seria importante adequar-se aos hábitos lingüísticos, objetivos e expectativas do leitor.

A obra *Introspection in second language research* (1987) abarca um conjunto de estudos reunidos por Faerch e Kasper, relacionados ao uso da metodologia introspectiva na pesquisa em segunda língua. Krings (In FAERCH E KASPER, 1987, p.159-174) buscou depreender os problemas de tradução e sua resolução, as estratégias de tradução

adotadas pelos tradutores selecionados, o uso de macro-estratégias generalizadas entre estes e, por fim, o papel dos conhecimentos lingüísticos implícitos e explícitos no processo tradutório. É neste sentido que o trabalho destes autores surge como fonte bibliográfica para a pesquisa em questão.

As noções de estratégia e procedimento serão aqui utilizadas não como sinônimos, antes como parassinônimos, isto é, enquanto as estratégias envolveriam mecanismos ainda não codificados de resolução de problemas de tradução (ou outros tipos de problemas ocorridos durante o processo), os procedimentos estariam relacionados a maneiras consolidadas e comprovadamente eficazes de se solucionar um problema no decorrer do processo tradutório.

Na obra *Procedimentos técnicos de tradução: uma nova proposta*, como o próprio título já sugere, o objetivo de Barbosa (1990) é propor uma recategorização dos procedimentos tradutórios desenvolvidos por Vinay e Darbelnet (1958) há seis décadas atrás, antes hierarquizados segundo a dificuldade de realização do tradutor, isto é, do mais fácil para o mais difícil. A nova proposta sugere categorizá-los de acordo com a frequência com que ocorrem na tradução e com o grau de divergência entre as duas línguas que entram em contato através do ato tradutório.

Tendo aclarado as bases teóricas em que nos fundamentamos neste artigo, isto é, os discursos proferidos por pesquisadores consagrados sobre tradução e o ato tradutório mais especificamente, cabe incluir, neste momento, algumas linhas destinadas à exposição das opiniões dos sujeitos da pesquisa, selecionados como tradutores, a respeito do conceito de tradução, exteriorizado durante a gravação das entrevistas.

Por exemplo, o status de co-autor, para o tradutor, é advogado por dois dentre os tradutores selecionados na pesquisa: “traduzir é uma prática de reescritura, escrever com o outro. Ao mesmo tempo, um exercício de estilo, pois, durante o processo tradutório, empenho-me (ou empenharia-me) na obra como se ela estivesse sendo escrita pela primeira vez...” (tradutor 1); “o ato de traduzir envolve interpretação, logo, co-autoria. O tradutor tem uma função importantíssima e não deve ser considerado, na minha opinião, um simples transpositor de palavras, mas de sentidos. Me sinto co-autora ao traduzir uma obra porque nela imprimo todas as minhas impressões e vivências pessoais. Por mais que se deseje ser imparcial, a própria escolha de cada termo a ser traduzido implica em atuar sobre a obra original...” (tradutor 3).

Em oposição a tal concepção, surge a do tradutor 2, que argumenta a favor da visão tradicional de tradução: “...A princípio, eu tenho aquela idéia antiga, passar um enunciado de uma língua para a outra, transferir o significado de uma língua para a outra. Claro que não é uma tarefa muito simples. Você tem que entender o porquê de aquela palavra estar ali, qual é o contexto e tudo. Mas, a princípio, isso. Traduzir é transpor significados de uma língua para a outra.” (tradutor 2).

Todos estes pontos de vista diversificados relativos ao ato de traduzir foram analisados e observamos que contribuíram fundamentalmente para as escolhas lingüísticas feitas pelos tradutores e para seleção de estratégias e procedimentos de tradução.

### **Relações entre tradução e Análise do Discurso**

Esclarecidos os conceitos de tradução ao longo do século XX e suas relações com procedimentos e estratégias tradutórias adotadas pelos sujeitos desta pesquisa, cabe responder à questão: como interagem tradução e análise do discurso? Foi necessária a triangulação das opiniões e pontos de vista de diversos tradutores previamente selecionados por apresentarem as características desejáveis para fins de análise. Todas estas visões de mundo se uniram às minhas próprias e às dos autores sobre os quais fundamentei teoricamente minhas idéias.

A princípio, o pesquisador deve ser considerado um observador, que deve apagar-se diante dos fatos e dos fenômenos por ele estudados. No entanto, como mostram Laville e Dionne (1999), o pesquisador, ao analisar o discurso do outro, não consegue apagar-se desta forma, pois possui preferências, interesses pessoais, visões de mundo e do problema foco de sua pesquisa que certamente interferirão na análise dos resultados. O lugar do pesquisador na análise do discurso é, na verdade, o lugar da interpretação.

Conforme já explicitado, a utilização do paradigma interpretativista se fez através do método introspectivo, desenvolvido por meio da técnica do protocolo verbal, onde o indivíduo tenta expor o que se passa em sua mente no momento em que se defronta com o texto a ser traduzido ou a ser lido.

Após a gravação dos protocolos verbais, os tradutores previamente selecionados em função dos interesses do pesquisador e do perfil de informante desejado, leram individualmente os textos na língua da tradução com o objetivo de reformulá-los (caso

considerassem necessário) até que se chegasse à chamada versão final do texto traduzido.

Tais reformulações foram acompanhadas por notas explicativas que explicitavam os motivos que levaram cada tradutor a modificar a primeira versão do texto traduzido.

Seria impossível – ou, pelo menos, bastante difícil – analisar os dados obtidos nos protocolos e nas entrevistas sob uma visão positivista dos fatos e fenômenos observados durante esta pesquisa. Não haveria possibilidade de analisar tais fenômenos independentemente de cada indivíduo, de sua história pessoal, de suas experiências anteriores com tradução e leitura, de seus objetivos, de suas expectativas, de seus pontos de vista, enfim, de suas concepções no que concerne ao processo de tradução, que foi abordado nesta pesquisa como uma atividade intersubjetiva e dependente, portanto, da capacidade de interpretação de cada sujeito.

Pode-se acrescentar que a pesquisa de caráter introspectivo se fundamenta na corrente de Psicologia Cognitivista. Este método vem sendo utilizado na análise dos processos de compreensão, produção e aprendizagem de língua materna e de segunda língua (FAERCH E KASPER, 1987). Em função ainda da impossibilidade de acesso direto a tais processos mentais, optou-se pelo uso da técnica do protocolo verbal. Ao solicitar-se que os tradutores verbalizassem o que ocorre em suas mentes no momento da tradução de um texto, a ênfase recairia sobre o próprio processo e não sobre o produto. Havendo explicitado a metodologia e os princípios teóricos utilizados neste artigo, observemos nas próximas linhas alguns dos resultados obtidos nesta pesquisa de caráter introspectivo, que analisa como tradutores de diferentes níveis utilizam estratégias e procedimentos para solucionar seus problemas de tradução do espanhol ao português de um texto informativo.

### **Principais resultados da pesquisa**

Observamos que os tradutores menos experientes, porém com alto nível de conhecimento lingüístico nas duas línguas envolvidas no processo tradutório (possuem Graduação, Especialização e/ou Mestrado em Língua Espanhola), utilizam todos os procedimentos de tradução direta citados por Vinay e Darbelnet (1958. p. 46), a saber: empréstimos lingüísticos, decalques (tipo de empréstimo no qual se substituem formas lexicais em língua estrangeira por similares na língua de chegada do texto, de significação equivalente), além de traduções literais, o que demonstra o quanto os

tradutores inexperientes parecem estar presos aos vocábulos, expressões, estruturas sintáticas e estilo do texto original.

Os tradutores aprendizes ou em processo de formação, assim caracterizados por tratar-se de formandos em Cursos de Pós-graduação em Tradução, utilizam, em geral, apenas um procedimento de tradução direta (a tradução literal) e sete dentre os onze procedimentos existentes de tradução oblíqua: transposição cultural e das categorias gramaticais, modulação (procedimento que provoca alterações semânticas e estilísticas mais ou menos profundas no texto da língua de chegada), equivalência, adaptação, explicitação, omissão, inversão das categorias sintáticas de núcleo e adjunto adnominal, etc. Em função de seu treinamento como tradutores em nível de formação, pode-se afirmar que estes possuem certa consciência dos procedimentos tradutórios que utilizam e, alguns casos, justificam seu uso. No entanto, não percebem que, muitas vezes, o procedimento de tradução literal, embora mais cômodo, não seja o mais apropriado, pois, segundo Vinay e Darbelnet (1958. p. 49), pode produzir um outro sentido ou ausência de sentido; pode ser impossível por razões estruturais; pode não apresentar correspondente na metalingüística da língua de chegada; ou ainda pode ter sido realizada equivocadamente uma correspondência que geraria um registro lingüístico diferente.

Os tradutores mais experientes dentre os informantes selecionados, por sua vez, utilizam todos os procedimentos de tradução oblíqua que estão a seu alcance, excetuando-se os mecanismos de sinonímia lexical (processo associativo que ocorre ao nível paradigmático, no qual se estabelece uma relação de identidade entre os semas e que possibilita uma equivalência de sentido) e inversão das categorias sintáticas de núcleo e adjunto adnominal. Estes possuem total consciência de seus processos mentais, apesar de, em alguns momentos, revelarem a automatização dos mesmos. Nestes casos, coube ao elicitador interferir, a fim de que os dados viessem à tona, isto é, fossem de alguma forma verbalizados.

A tradução literal, por sua vez, é utilizada coerentemente nos momentos em que os tradutores profissionais percebem certa convergência entre os vocábulos ou estruturas da língua de partida, em relação aos da língua de chegada.

No que concerne às estratégias globais, foi possível observar que os tradutores menos experientes solucionam seus problemas de compreensão na língua-fonte ou de reprodução na língua de chegada mantendo-se próximos à sintaxe da língua espanhola,

privilegiando, assim, a literalidade durante seu processo tradutório. Os tradutores em processo de formação oscilam entre as duas estratégias, isto é, em alguns momentos, reformulam a tradução para adaptá-la à sintaxe e ao estilo da língua portuguesa; porém, em outros, mantêm-se extremamente presos à sintaxe da língua original, em detrimento do conteúdo global do texto e da destinação do mesmo. Os tradutores mais experientes, por sua vez, visando uma melhor explicitação do produto final ao leitor, utilizam apenas a segunda estratégia global, isto é, a de reformulação sintática e estilística do texto na língua de chegada.

Com relação às estratégias locais de busca, observou-se que os tradutores aprendizes utilizam estratégias de busca tanto interna quanto externa e recorrem ao elicitador como fonte externa, além das que foram postas a seu alcance (dicionários bilíngües espanhol-português, português-espanhol e monolíngüe de espanhol, dicionário da língua portuguesa, além de gramáticas, manuais de conjugação verbal, programas de computador com tradutores *on-line* e glossários digitais contendo listas de termos técnicos, página do *Google* para busca de termos não compreendidos em contexto real, além de dicionários virtuais bilíngües). O mesmo ocorre com os tradutores menos experientes, embora estes não sintam necessidade de recorrer ao elicitador como fonte externa em nenhum momento do processo tradutório. Quanto aos tradutores mais experientes, estes apenas fazem uso de estratégias de busca interna, não recorrendo a dicionários, gramáticas, manuais de conjugação verbal. No entanto, talvez por força do hábito de traduzir com apoio digital, fazem uso dos recursos de Internet disponíveis no momento da pesquisa (página do *Google*, dicionário virtual e tradutor virtual).

Enquanto os tradutores profissionais investigados relatam explicitamente suas estratégias e procedimentos, focalizando particularmente os aspectos relacionados ao objetivo final da tradução (que é a leitura, por outros indivíduos), os tradutores inexperientes e aqueles em formação colocam em foco mais as escolhas lexicais, a reestruturação gramatical e o desconhecimento de determinadas expressões idiomáticas do que as estratégias e procedimentos propriamente ditos.

### **Considerações finais**

Em termos de conclusão (ainda que inconclusa) e retornando à polêmica inicial, pode-se afirmar que, durante muitos anos, a criatividade foi um atributo exclusivo dos autores de textos literários. Aos tradutores exigia-se rigor e fidelidade; e à tradução, que fosse

literal. Quando não havia qualquer hipótese de paralelismo formal entre as duas línguas em questão, negava-se a possibilidade de tradução e qualquer tentativa de criatividade era considerada problemática.

Os estudos de tradução iniciados nos anos setenta vieram a questionar esta noção tradicional. Tais pesquisas tiveram como objetivo reabilitar o texto de chegada, colocando-o no mesmo status do texto de partida, pondo fim assim ao dogma da fidelidade absoluta e imparcial ao texto original. Passados quase quarenta anos, a prática da tradução literária é hoje de fato considerada como uma atividade criativa em potencial. Grandes tradutores literários já adquirem o patamar de grandes autores da literatura universal, posto que o produto desta atividade passou a ser visto não mais como uma cópia inferiorizada do texto na língua de partida.

Lamentavelmente, acreditamos que esta visão preconizada não chegou a influenciar positivamente a relação do público-leitor com o tradutor de textos não-literários, designados de uma forma geral como tradutores *técnicos*, e considerados de uma forma ultrajante como ‘parentes pobres’ do tradutor literário.

Como nos referimos ao princípio, este artigo circunscreve-se ao tema da tradução de textos de natureza muito específica, inseridos no domínio das ciências humanas. A transposição do espanhol para o português de textos jornalísticos, informativos, nos quais imperam os critérios de objetividade e clareza, exige de fato uma maior literalidade que um texto literário, o que não significa, contudo, que se menosprezem as diferenças existentes entre estas duas línguas, em termos estruturais e culturais, e que se esqueça o objetivo deste produto final, que é de fato o leitor do texto na língua de chegada.

Assim, para se obter um resultado satisfatório no campo da tradução não-literária, acreditamos que o tradutor necessite não apenas conhecer profundamente o sistema funcional dos dois idiomas envolvidos no processo tradutório, seus recursos, suas nuances mais íntimas, mas principalmente, que se sinta livre para desenvolver soluções criativas em caso de percepção de certo estranhamento ou de dificuldade no decurso deste rio chamado *tradução*, momento íntimo de re-criação da arte, partilhado somente entre autor e tradutor.

## Referências

- ALVES, Fábio, MAGALHÃES, Cecília e Pagano, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para um tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- AUBERT, F. H. *Problemas e urgências na interrelação terminologia/tradução*. São Paulo: Alfa, 1992.
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução*. Uma nova proposta. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.
- BENEDETTI, Ivone C. e SOBRAL, Adail (orgs). *Conversa com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.
- CAMPOS, Geir, *Como fazer tradução*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DERRIDA, J. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- FAERCH, C.; KASPER, G., eds. *Strategies Interlanguage Communication*. London: Longman, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Introspection in Second Language Research*. Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 1987.
- LAVILLE, C. e DIONNE, J. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LÖRSCHER, W. *Translation performance, translation process, and translation strategies: a psycholinguistic investigation*. Tübingen: Gunter Narr, 1991.
- MAILLOT, J. *A Tradução Científica e Técnica*. (trad. Paulo Rónai). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1975.
- MOIRAND, S. *Situations de l'écrit*. Paris: Clé International, 1979.
- MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- NEIVA, A. M. S.; CORRÊA, A. M. S. "Estratégias do tradutor aprendiz: investigando o processo tradutório". In: XIII Congresso da ANPOLL, 2000, Campinas. Síntese: Anais do XIII Congresso da ANPOLL, 1998:1-10.
- NIDA, E. "Principes of Translation as Exemplified by Bible Translating". In: BROWER, R. A. *On Translation*. New York: Oxford University Press, 1966. pp. 11-31.
- SCHLEIERMACHER, D. *Sobre os diferentes métodos de tradução*. (trad. Antoine Berman). Tours de Babel, Toulouse: ed. Trans-Europ-Repress, 1985.

SELESKOVITCH, D. ; LEDERER, M. *Interpréter pour traduire*. Paris: Publications de la Sorbonne, Didier Érudition, 1986.

VENUTI, L. *A invisibilidade do tradutor*. (trad. Carolina Alfaro). Palavra, Rio de Janeiro, n. 3, p. 111-132, 1995.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Les Éditions Didier, 1958.